

FMI acalma mercados

Porta-voz do Fundo Monetário sugere que acordo com país deve sair antes do dia 12

WASHINGTON, BRASÍLIA e RIO

Editoria de Arte

O Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu ontem que a crise financeira que afeta Brasil, Uruguai e Argentina exige uma solução rápida. O porta-voz do Fundo, Thomas Dawson, afirmou que o organismo negocia um acordo urgente com o Brasil para o resto deste ano e todo 2003. Embora não tenha mencionado a concessão de recursos, as declarações de Dawson tiveram forte impacto no mercado financeiro brasileiro e foram um dos motivos para a derrocada do dólar comercial — que, ontem, fechou em queda recorde de 9,22%, a R\$ 3,15. Para muitos analistas, as declarações de Dawson são um sinal de que o acordo que está sendo negociado com o FMI fique pronto até o dia 12, antes do recesso da entidade.

— Certamente há uma questão de certa urgência aqui — disse Dawson, referindo-se às conversações com a delegação brasileira em Washington. — Claramente trata-se de algo sobre o qual trabalhamos intensamente.

Dawson também disse que qualquer acordo com o Brasil requer um entendimento, com os candidatos à Presidência, de que o próximo governo manterá as bases da política econômica atual, acertada com o FMI em setembro do ano passado. Na ocasião, o país obteve o direito de lançar mão de US\$ 16 bilhões do Fundo em caso de urgência. Desse total, o país dispõe atualmente apenas de US\$ 1 bilhão, daí a necessidade de um novo acordo.

Políticos reagem às declarações de Dawson

• A reação dos candidatos foi imediata. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, disse que está disposto a conversar com o governo sobre um novo acordo com o FMI, mas que a iniciativa deve partir do presidente Fernando Henrique Cardoso:

— Se ele entender que é preciso, ele que nos convoque.

Lula voltou a repetir a comparação entre o FMI e uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) de hospital, afirmando que deve-se evitar ao máximo mas, em último caso, pode-se recorrer ao Fundo. Segundo o petista, porém, apenas o acordo com o FMI não será suficiente para debelar a crise. Ele defendeu uma mudança imediata no eixo da política econômica, com a adoção de medidas que permitam o crescimento econômico e a desoneração das exportações.

O candidato do PSDB à Presidência, José Serra, deu seu aval ontem à prorrogação do acordo do Brasil com o FMI. Durante visita à Embrapa, o tucano afirmou que um novo acordo traria tranquilidade e segurança quanto ao futuro da economia do país e que isso seria conseguido sem impor sacrifícios adicionais ao Brasil. Ele acrescentou que um clima de segurança e estabilidade é fundamental para que se criem as condições de crescimento na economia necessários a ampliação do emprego e das oportunidades de trabalho.

— Sou a favor de uma extensão do acordo com o Fundo, por uma questão de responsabilidade. O acordo não implicará em sacrifícios adicionais para a economia brasileira e eliminará as incertezas que podem prejudicar o emprego — disse Serra.

O tucano afirmou que cada candidato deve assumir sua responsabilidade diante da situação econômica do país, e arcar com as consequências de seus atos. Acrescentou que é preciso empenho de todos para que a insegurança na economia não leve ao aumento do desemprego.

Sem citar nomes, ele voltou a criticar candidatos de oposição que estão pensando apenas eleitoralmente quando se posicionam diante do acordo que o governo brasileiro está negociando com o FMI.

— Não falo como candidato, falo como brasileiro, como senador, alguém que conhece economia e sabe que situações delicadas exigem responsabilidade de todos os homens públicos — afirmou Serra.

Para candidato do PSB, Anthony Garotinho, o presidente Fernando Henrique, ao querer que os candidatos se comprometam com acordo com o FMI, está querendo repartir o seu fracasso.

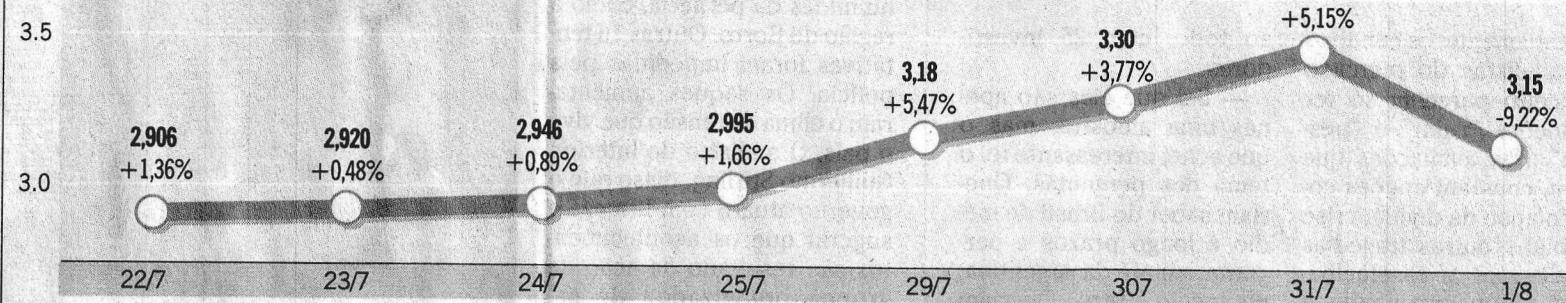
— A crise é deste governo, desta política econômica implementadas por eles. O governo tem que resolver o problema e não empurrá-lo.

Dawson afirmou ainda que a preocupação com o Brasil é especial, devido à importância do Brasil, à proximidade das eleições e ao nervosismo do mercado. Para o Fundo, as questões que afetam a Argentina e o Uruguai são de natureza econômico-financeira.

— No Brasil, você tem o ciclo eleitoral, o que não é um fenômeno comum.

O sobe-e-desce da moeda americana

O DÓLAR NOS ÚLTIMOS DIAS



O QUE ACONTECEU ATÉ QUARTA-FEIRA

A crise nas bolsas americanas, provocada pela onda de fraudes nas contabilidades das empresas, e a crescente desconfiança em relação ao Brasil fez com que as empresas brasileiras tivessem dificuldade de estender os prazos de suas dívidas externas (a chamada rolagem).

A desconfiança em relação ao Brasil é resultado de um temor geral diante dos mercados emergentes e da incerteza sobre o quadro eleitoral no país.

Aproveitando a escassez de crédito externo a empresas brasileiras, os bancos diminuíram a oferta de dólares no mercado interno para, assim, forçar uma alta ainda maior nas cotações.

EMPRESA X
Com uma dívida vencendo no exterior, a empresa precisa comprar dólares. Ela tenta fazer o negócio em várias instituições financeiras.

BANCO A
O banco sabe que há poucos dólares no mercado e que as cotações tendem a continuar subindo. Por isso, não vende a moeda americana para a empresa X porque espera uma alta maior.

EMPRESA X
Sem outras alternativas, a empresa acaba comprando dólar caro no Banco B, sancionando as cotações elevadas.

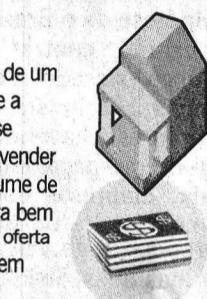
BANCO B
O banco aproveita a escassez de dólares e oferece um preço de venda alto. Com a proximidade do fim do mês, a manobra servia também para influenciar na cotação da chamada Ptax, a taxa média de dólar que, no último dia útil do mês, serve como índice de correção para contratos e títulos cambiais.

O QUE ACONTECEU ONTEM

O porta-voz do Fundo Monetário Internacional (FMI), Thomas Dawson, confirmou as negociações para uma ajuda ao Brasil e o secretário do Tesouro americano, Paul O'Neill, afirmou que os EUA apóiam o país.

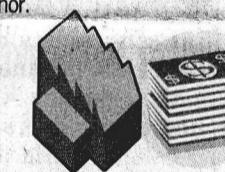
BANCOS A e B

Com medo de que o anúncio de um acordo com o FMI derrubasse a cotação do dólar, os bancos se anteciparam e começaram a vender os dólares que tinham. O volume de negócios, que até então estava bem reduzido, aumentou. A maior oferta de dólares fez as cotações terem queda recorde.



EMPRESA X

A companhia que pôde esperar até ontem para comprar dólares e honrar seus compromissos externos conseguiu uma cotação melhor.



EMPRESA X

A companhia que fez o negócio até quarta-feira, porque tinha dívidas vencendo, pagou um preço muito mais alto.

